

O HOMEM E O TEMPO EM SANTO AGOSTINHO

Paulo Camuanguina Alexandre¹

Douglas Ochiai Padilha²

RESUMO

O presente estudo aborda os conceitos de tempo, alma e ser humano, com o objetivo de compreender a relação entre o ser humano e o tempo, a partir das reflexões de Agostinho. A questão orientadora deste estudo indaga se Agostinho, sendo possivelmente influenciado pelo neoplatonismo, concebe o ser humano como essencialmente alma, ou se ele possui uma visão diferente acerca da natureza humana. Para alcançar esse propósito, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com base em autores que fundamentam a temática, incluindo obras de Santo Agostinho como: “Confissões, Vida feliz, Trindade Santa”. O trabalho permitiu concluir que o tempo desempenha um papel fundamental na existência humana, sendo o ser humano essencialmente temporal e efêmero, caracterizado pela sua finitude. O homem se constitui no mundo, experimentando três êxtases temporais: passado, presente e futuro, que não são compartimentos separados, mas compõem uma unidade indivisível, onde o futuro desempenha um papel central na constituição do ser humano.

Palavras-chave: Agostinho. Tempo. Alma. Ser Humano.

¹ Graduando em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: alexandrecamuanguina1@gmail.com/paulo.alexandre@mail.fae.edu

² Orientador da pesquisa. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Professor na FAE Centro Universitário. *E-mail*: douglas.padilha@fae.edu

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata sobre os conceitos de tempo, alma e ser humano. Nessa perspectiva, tem como objetivo compreender a relação entre o ser humano e o tempo, a partir das reflexões de Agostinho. A percepção de Agostinho caracteriza, dentro da história da Filosofia, o pensamento medieval. Seu parecer filosófico expressa uma articulação entre a racionalidade e a fé cristã. Contudo, sua filosofia teve influência do pensamento platônico e do cristianismo, enquanto seu conceito de experiência foi baseado na teoria de Aristóteles. Os pensamentos agostinianos encontram-se prescritos e reafirmados no livro “Confissões”, sua obra mais importante, na qual declara todo o seu respeito, amor e admiração ao Soberano, origem única de toda Verdade. A filosofia agostiniana incita a busca interior, um pertencimento literário, pois ao ler sua obra, é impossível não pensar na própria existência humana, nos acontecimentos vivenciados no cotidiano e na grandeza das coisas divinas.

Passa-se do mundo antigo ao mundo novo por meio de várias reflexões um tanto bruscas, assinaladas pelo advento do cristianismo. No entanto, esta alteração não acontece com demasiada fluidez, nem na história nem na filosofia; porém, a falta de rapidez não suspende seu posicionamento conflitante. As alterações sobrevindas ao mundo grego-romano, por um lado, e à filosofia helênica, por outro, excedem o mero acontecer histórico em sentido rigoroso. Para se adentrar à filosofia, basta dizer que o pensamento filosófico que dominará a Europa, ou seja, na Idade Média, não emerge da evolução interna do pensamento grego, mas sim da interpretação do mundo como realidade criada e sustentada ontologicamente no ser de Deus. compila valiosos tratados filosóficos e teológicos com o intuito de os tornar cientes para aqueles que tinham entrado em certa crise existencial e religiosa, devido ao declínio do Império Romano. Crise essa que se deu quando os bárbaros invadiram Roma e os cristãos quiseram retornar ao paganismo, porque acreditavam que os “deuses” pagãos protegiam mais do que o Deus cristão. Esse contexto impulsiona Agostinho a elaborar dois temas inseparáveis: o homem e o tempo. Ao abordar questões sobre o homem e o tempo, ele procurou encontrar um terreno comum entre a filosofia greco-romana e a teologia cristã. Com suas reflexões, o filósofo moldou profundamente a compreensão cristã desses conceitos e tornou-se uma das figuras mais influentes na história da filosofia cristã e teológica.

De fato, os neoplatônicos reduzem essencialmente o homem à alma. No entanto, o presente artigo tem como responsabilidade responder à seguinte indagação: Considerando a importância de Agostinho e do tema o homem e o tempo, nos propomos a investigar a obra “Confissões” de Agostinho em busca de respostas para as seguintes questões: Qual é a natureza do tempo? Qual é a relação entre tempo e eternidade e

como esses conceitos se relacionam com a criação divina? Com base nessas questões, o presente trabalho tem como objetivo esclarecer os conceitos de Agostinho sobre o tempo, a alma e o ser humano. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica das principais obras de Santo Agostinho “Confissões, vida feliz”, assim como de trabalhos relevantes de outros autores sobre o tema. O artigo aborda a origem e a concepção da alma; o homem como imagem de Deus e sua tríplice constituição; a concepção de espírito e de corpo; a natureza do tempo e suas divisões; e o conceito de eternidade.

O texto apresenta ao leitor o processo pelo qual Agostinho chegou à concepção física e metafísica do ser humano. O homem é visto como um ente que contém em si a realidade material e imaterial, com o corpo representando o aspecto físico, e a alma e o espírito representando o aspecto metafísico. O texto também expõe a conceitualização feita por Agostinho em relação ao tempo como um ente racional, e sua respectiva divisão em passado, presente e futuro. Ele se refere ao tempo como algo passado, que não existe, enquanto o presente é o atual, que precisa passar para o pretérito para ser considerado tempo. Já o futuro é o que ainda não existe.

O artigo está estruturado em capítulos e subtópicos. Sendo assim, no primeiro capítulo, aborda-se a criação no princípio, ou seja, na visão agostiniana, existimos porque fomos criados, e, portanto, não existíamos antes de sermos criados. No segundo tópico, discute-se a essência do homem e do tempo na visão de Agostinho. O terceiro capítulo trata da questão do tempo, que será dividido em duas grandes partes: a) as três divisões do tempo: que é o presente, passado e futuro; e b) o tempo e a memória. No quarto tópico, será abordada a relação entre o tempo e a eternidade na obra de Agostinho. Por fim, nas considerações finais, procura-se trazer com mais precisão as causas que levaram o filósofo de Hipona a empreender tal estudo sobre o homem e o tempo.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DE SANTO AGOSTINHO (354-430)

Aurelius Augustinus, conhecido como Santo Agostinho, nasceu em Tagaste, província romana da Numídia, na África (atualmente chamada Souk-Ahrás, na Argélia, Norte da África), em 13 de novembro de 354. Seu pai, patrício, era um pequeno proprietário de terras que, ainda ligado ao paganismo, só se converteria ao cristianismo no final de sua vida. Sua mãe, Mônica, era uma cristã fervorosa.

A primeira educação de Agostinho ocorreu em Tagaste e na cidade vizinha de Madaura, e foi profundamente humanística. Sob o patrocínio de um amigo de seu pai, completou seus estudos gramaticais e retóricos no grande centro de Cartago por volta dos anos 370/371. Agostinho não tinha interesse na língua grega, por isso não era considerado

um bom aluno nessa matéria, preferindo sua língua materna. Sua formação, assim, ocorreu quase inteiramente em língua latina, baseada em autores latinos. Seu interesse pela filosofia despertou com a leitura de uma obra de Cícero chamada “Hortênsio”, que hoje está perdida. No entanto, a filosofia predominante em Cartago era o maniqueísmo, e ele se associou a essa seita filosófico-religiosa, apesar do desgosto de sua mãe.

Em Tagaste, aos dezenove anos (374), iniciou seu magistério em retórica, mas logo mudou-se para Cartago, onde também lecionou por alguns anos (374 a 383). Embora estivesse cercado de muitos amigos e alunos inteligentes, também se sentiu angustiado com muitos estudantes mal-comportados. Juntamente com o desejo de fama, transferiu-se para Roma. Lá, começou a se distanciar da seita maniqueísta, questionando seus dogmas, até aderir brevemente ao ceticismo da Academia. No mesmo ano, mudou novamente de cidade e chegou a Milão, onde, a pedido de Símaco, que lhe ofereceu a cátedra de Retórica na faculdade, começou a ensinar e permaneceu de 384 a 386.

Em Milão, leu Plotino e ficou motivado pela doutrina do neoplatonismo em relação à incorporação de Deus e à imortalidade da alma. De cético, tornou-se então neoplatônico. No entanto, por meio dos sermões do Bispo Ambrósio, que a princípio lhe interessaram devido à retórica refinada do orador e, também, devido às cartas de São Paulo, ele se convenceu de que somente no cristianismo encontraria a verdade que tanto buscava.

Renunciou ao cargo de professor de Retórica, oferecido por Símaco, e retirou-se para Cassiciacum, uma propriedade rural onde, com vários amigos, sua mãe, seu irmão e seu filho Adeodato, passou a viver uma vida comum. Foi lá que nasceram os primeiros diálogos filosóficos de Agostinho. Em 387, Agostinho retornou a Milão, onde foi recebido na Igreja e batizado pelo próprio Bispo Ambrósio na noite de 24/25 de abril, durante a vigília da Páscoa. No mesmo ano, decidiu voltar para a África.

No caminho de volta, em Óstia, sua mãe Mônica faleceu. Agostinho permaneceu em Roma por um tempo e só conseguiu chegar a Tagaste em 388. Decidiu vender todos os bens paternos e fundou uma espécie de comunidade religiosa, passando a viver como monge. A fama que tanto buscara antes agora emanava naturalmente, como o odor de notória santidade. Em virtude disso e sob pressão dos fiéis, ele foi aclamado e ordenado sacerdote pelo Bispo local, Valério, durante sua estadia em Hipona. Auxiliou Valério no trabalho pastoral, especialmente na pregação, e fundou um novo mosteiro na região. Em 395, foi ordenado Bispo auxiliar por Valério e, no ano seguinte, após a morte deste, assumiu o posto de Bispo titular da cidade episcopal de Hipona.

Nas últimas décadas de sua vida, Agostinho dedicou-se quase que inteiramente a obras de cunho pastoral. Suas obras teológicas e exegéticas mais importantes pertencem

a esse período. Essas obras abordam principalmente a fé católica, apresentando-a de maneira pura na exposição e também polemizando contra aqueles que se opunham a ela, como hereges e cismáticos. Suas controvérsias com maniqueus, donatistas e pelagianos lhe renderam a fama de ortodoxia, e a posteridade lhe conferiu o título de Doutor da Igreja Latina.

Santo Agostinho faleceu em 28 de agosto de 430, quando Hipona estava sendo invadida pelos vândalos após um cerco de três meses comandado por Genserico.

Agostinho escreveu muitos livros de filosofia e teologia e dentre as obras de Agostinho, merece especial atenção sua obra mais famosa, “*Confessiones*” (Confissões), uma autobiografia escrita em 13 volumes durante o ano de 397. Também é relevante citar as “*Retractationes*”, escritas entre 426 e 427, onde o autor revisita e corrige erros que encontrou em suas obras anteriores.

Quanto às “*Confessiones*”, ela é composta por 13 livros e pode ser dividida em três partes. A primeira parte é uma autobiografia na qual Agostinho confessa seus pecados e descreve os principais eventos de sua vida. A partir do livro X, ele compartilha seu estado de alma atual com os leitores. Por fim, nos livros XI a XIII, ele reflete sobre a criação do mundo, inspirado nos primeiros capítulos do Gênesis, alternando essas reflexões com momentos de doxologia em reverência à bondade do Deus que salvou Jesus Cristo. A obra como um todo trata do reconhecimento das fraquezas inerentes a todos os seres humanos, devido à queda do pecado e à contingência das criaturas, assim como a transitoriedade da vida presente. Desta feita, ao ter o contacto direto com o livro acima citado, achei oportuno me aprofundar mais e saber quais as coisas levaram o filósofo Agostinho a compilar tal obra, é assim que verifiquei que as razões pela qual levaram Agostinho a escrever as confissões fora o momento de crise de identidade que o mesmo esteve a viver, uma vez que os maniqueus professavam uma fé contrária da dos cristãos onde este último o filósofo professou a sua fé. É justamente no livro XI das confissões, que Agostinho aborda sobre os temas: o Homem, o tempo, as três divisões do tempo e a eternidade.

2 A CRIAÇÃO NO PRINCÍPIO EM AGOSTINHO

Na obra Confissões, Agostinho faz uma análise filosófica sobre a essência do tempo. Ele parte do princípio de que Deus é o criador do céu e da terra e de tudo que nela é inserido. “O tempo é visto por Agostinho como a distensão da alma humana, sendo este capaz de voltar-se ao passado, intencionar no presente e se projetar a um futuro que ainda não existe” (VAZ, 2009, p. 12).

O Presente é um contínuo deixar de ser, nunca é estabilizado. A cada instante, ele se vai. Em contrapartida, a eternidade é um único presente. É imutável, ela não se vai, permanece e só pertence ao criador de todas as coisas.

É perceptível a forte ligação existente entre a alma humana e a memória. É a memória que faz existir um passado no presente, e os vestígios de tal passado encontram-se impregnados na alma, sendo esta capaz de revelar os mistérios mais profundos de qualquer indivíduo.

“No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1:1). Essa é a primeira perícopa (versículo) da Bíblia Sagrada. No entanto, esse termo “no princípio” não deve ser interpretado como temporal, ou seja, não denota um começo no tempo. Isso nos leva a questionar: o que Deus estava fazendo antes de criar o céu e a terra? Por que Ele decidiu criar algo que nunca havia criado antes? (AYUB, 2011).

A passagem bíblica “*in principio*” está ligada a um conceito fundamental na filosofia grega: a “*arché*”, que tanto no pensamento grego quanto nas Escrituras Sagradas não indica um começo temporal de algo. Portanto, na perspectiva judaico-cristã, como já ilustramos, criar “*in principio*” significa que aquele que cria o faz de forma “intemporal”, criando em e por si mesmo. Em outras palavras, Deus cria todas as coisas por meio do Verbo (Jo 1:3). Entretanto, no “princípio” (no Verbo), todas as coisas tiveram um começo, também no tempo. Para ele, o tempo que origina todos os tempos é chamado de eternidade, e Agostinho chama essa eternidade de a vontade de Deus. Portanto, ele afirma que Deus, o criador de todas as coisas abaixo do mar, no céu e na terra, as criou por amor e livre e desinteressado amor. Afirmativamente, no livro de Gênesis, ele declara: Deus criou tudo e viu que tudo era bom. O filósofo compreende que o conceito de “bom” representa a perfeição da bondade de Deus, é a totalidade de Seu amor (AGOSTINHO, 2007).

Para Agostinho (2007, p. 118), “Existimos porque fomos criados. Não existíamos antes, de modo que pudéssemos criar a nós mesmos”. Criar significa iniciar algo que anteriormente não existia, o dom da existência, de forma que ser criado é passar do não ser para o ser (*exire de non esse in esse*) pela vontade e poder de Deus. O ato pelo qual Deus traz livremente a existência algo que por si só não é chamado de “criação”. No entanto, o verbo criar significa fazer algo a partir do nada. O Doutor de Hipona procura explicar que o ato de criar é trazer algo do nada; para ele, quando Deus cria, as coisas não saem do não ser para o ser sem motivo, mas o homem na tradição patrística entende que Deus quis revelar Sua amabilidade, e é por isso que Ele cria, saindo de Sua eternidade para a temporalidade.

Todavia Tomás de Aquino, concorda com as ideias agostinianas quando o mesmo afirma que: “não é impossível que algo seja criado por Deus, mas é necessário admitir

que todos os seres foram criados por Deus” (AQUINO, 2001). Pois, se alguém faz algo com base em outra coisa, aquela da qual foi feita é pressuposta à ação daquele que faz e não é produzida por essa ação. Neste sentido é importante ter em conta que, o artífice trabalha com coisas naturais, como madeira e ar, que não são causados pela ação da arte, mas sim pela natureza; por sua vez, a própria natureza causa os seres naturais, quanto à forma, mas pressupõe a matéria. Se Deus atuasse apenas sobre algo já existente, isso significaria que esse algo não seria criado por Ele. Conforme demonstramos anteriormente, nada pode existir nos seres sem que provenha de Deus, a causa universal de todo o ser. Portanto, é necessário afirmar que Deus traz as coisas à existência por sua livre vontade.

O mundo recebe todo o seu ser de Deus. A causalidade divina não consiste na transformação ou modelagem de uma matéria preexistente, como acontece com artistas, engenheiros ou mesmo na evolução natural. Trata-se de dar existência a uma nova realidade a partir do nada (ex nihilo), ou seja, o Criador não parte de nada além de Si mesmo, de Sua liberdade, poder, sabedoria e bondade para formar o mundo. A liberdade de Deus age a partir do nada e, com base no nada, faz o criado surgir. O mundo está suspenso sobre o nada, o que significa que está entre a liberdade do Criador, de onde surge a luz.

No entanto, Agostinho concorda que não se deve procurar nenhuma matéria preexistente ou princípio intermediário entre Deus e as criaturas:

Como criaste, meu Deus, o céu e a terra? Por certo não criaste o céu e a terra no céu e na terra. Nem tampouco os criaste no ar, nem sob as águas que pertencem ao céu e à terra. Não criaste o universo no universo, porque não havia espaço onde pudesse existir. Não tinhas à mão a matéria com que modelar o céu e a terra. E de onde viria essa matéria que não tinhas ainda feito para dela fazer alguma coisa? Que criatura pode existir que não exija tua existência? (AGOSTINHO, 2007, p. 118)

Ao comunicar a realidade infinita ao ser, Deus não perde nada de Sua infinita plenitude de ser. Podemos entender isso com a seguinte comparação: quando, por exemplo, um professor comunica uma informação em uma sala de aula, aqueles que a recebem dependem do informante, mas o informante não perde nada ao comunicar seu conhecimento. No entanto, essa comparação não é perfeita, pois uma vez comunicada, a informação não depende mais do informante para existir nos informados. Ao contrário, a realidade criada por Deus depende permanentemente Dele para existir, porque encontra seu fundamento Nele, assim como uma lâmpada depende permanentemente da corrente elétrica e de sua fonte para permanecer acesa.

Parafraseando o texto agostiniano, não é concebível um tempo em que não havia tempo. Deus é o criador de todos os tempos e existe antes de todos os tempos. Pois o mundo foi feito por Ele, e assim começaram os tempos com a criação da criatura por Deus. Para o filósofo, a criação é temporal, o que significa que o tempo é inerente ao

ser criado; não há tempo em que não haja criatura, assim como não há criatura sem tempo (AGOSTINHO, 2007).

No entanto, Tomás de Aquino sustenta a tese da criação do mundo “*ab aeterno*”³. Não significa que o criado seja eterno, mas sim que a criação seja eterna. A criação (o criado) não é eterna; a eternidade está em Deus, na contínua ação de criar. Portanto, Tomás considera que a criação é demonstrável, mas não sua temporalidade. Para ele, a ideia de uma criação desde a eternidade não é contraditória, pois o ser criado simplesmente significa que seu ser é derivado de Deus, ou seja, a criatura é ‘*ab alio*’, ou seja, independente da relação com o tempo.

Para Agostinho, a criação do nada, “*ex nihilo*”, não deve ser entendida como surgimento de um nada substancial, ou seja, não é como se o nada fosse algo. No entanto, é a criação do absoluto não-ser, sem depender de matéria pré-existente. Portanto, quando falamos de criação, inevitavelmente mencionamos matéria e forma, que são as duas primeiras etapas da criação. No livro sobre Gênesis, contra os maniqueístas, o filósofo faz uma exegese alegórica dos primeiros capítulos da passagem bíblica mencionada acima e aponta que, embora a criação tenha sido feita do nada, *ex nihilo*, ele afirma que foi feita por etapas. Para ele, embora a criação tenha sido feita em etapas, essas etapas foram realizadas no mesmo instante. Na primeira etapa, Agostinho usa a passagem das Sagradas Escrituras (Bíblia) para declarar: “A terra, porém, era sem forma e vazia” (Gn 1:2a). Ele entende o vazio como a matéria primordial da criação, a partir da qual todas as formas se originaram (COSTA; BRANDÃO, 2007).

3 Para Agostinho, ao falar de Deus nós utilizamos termos que nunca conseguem alcançar a essência de Deus, já que nós utilizamos palavras corporais e espirituais que são termos mutáveis e temporais que em realidade para a nossa compreensão tão limitada estão certos, mas nunca alcançam a grandeza e perfeito que é Deus (AGOSTINHO, 2007). Ele desenvolveu suas ideias sobre a criação em suas obras, principalmente em “Confissões” e “A Cidade de Deus”. Aqui estão alguns dos principais aspectos de sua doutrina da criação: Criação *ex nihilo*: Agostinho sustentava a doutrina da “*criação ex nihilo*”, que significa que Deus criou o universo a partir do nada. Ele rejeitava a ideia de que o mundo era eterno ou que Deus usou matéria preexistente para criar o universo. Em vez disso, Agostinho acreditava que Deus, com sua vontade soberana, criou o mundo a partir do nada, demonstrando assim Seu poder absoluto. *A temporalidade da criação*: Agostinho também abordava a questão do tempo na criação. Ele argumentava que o tempo começou com a criação do mundo. Antes da criação, o tempo não existia, pois o tempo é uma dimensão criada por Deus para a ordenação dos eventos no universo. *A bondade da criação*: Agostinho reconhecia a bondade da criação, mas também enfatizava que a criação era, em última instância, contingente e dependente de Deus. Ele argumentava que todas as criaturas eram boas na medida em que existiam de acordo com o plano divino, mas também eram imperfeitas e vulneráveis ao pecado devido à sua natureza finita. A doutrina da criação de Agostinho teve um impacto duradouro na teologia cristã e influenciou muitos pensadores posteriores. Sua ênfase na criação *ex nihilo* e na relação entre a criatura e o Criador desempenhou um papel importante na teologia cristã ocidental (AGOSTINHO, 2007).

3 A ESSÊNCIA DO HOMEM E DO TEMPO EM AGOSTINHO

A ideia agostiniana do homem e do tempo gira em torno de Deus e da alma. Na busca por entender com clareza a essência de Deus e a essência do ser humano, o filósofo considera a relação entre fé e razão. Assim, a partir dessa ligação entre racionalidade e fé, o filósofo teólogo recorre constantemente à sabedoria divina. Para ele, todo caminho em direção ao conhecimento do homem é uma narrativa de si mesmo, que revela um paradigma antropológico. Ao aprofundar suas pesquisas, ele descobre o ‘eu’, que é a realidade imaterial do ser humano. No entanto, para Agostinho, na existência humana, é importante questionar o que é a alma e quem é, de fato, o Deus que Agostinho almeja conhecer? A partir dessa indagação, o filósofo, influenciado pela filosofia platônica, aristotélica e pelo pensamento de Plotino, compreende a alma como a essência do homem. Portanto, “compreender a alma é compreender a essência do homem” (GOULART, 2021, p. 6).

Diante do enigma do homem, o pensador patrístico desenvolveu seu pensamento centrado em dois princípios originários distintos para uma melhor compreensão do que é o homem: o primeiro é o teológico, que enxerga o homem como imagem de Deus, e o segundo é o filosófico, representado na fórmula platônica de uma alma inerente ao corpo e na formulação aristotélica de um animal dotado de razão. A primeira tradição destaca seu aspecto divino e sua condição de pessoa, refletindo a imagem em Deus. Já a segunda é vista como o aspecto empírico da natureza humana. Agostinho concebe que o homem, mesmo sendo criatura, possui uma essência ligada a um ser eterno, por isso diz-se que o homem é um co-criador, continuando a obra da criação. Pode-se perguntar como o homem participa da continuidade da criação. A resposta é que, a cada momento em que o homem cuida, respeita e zela pela criação, ele se torna um co-criador, não aquele que dá origem, mas aquele que procria.

O homem é uma criatura polarizada. Assim como toda criatura, imersa na temporalidade, sua vida é um caminho em direção à morte, oposto à vida divina e à dissolução do nada. Em geral, as criaturas temporais não são nem completamente ser nem completamente não ser: cada uma é agora o que não era e será o que não é, até deixar de ser por completo, de certa forma retornando ao nada de onde foi tirada. No entanto, o homem tenta escapar dessa dispersão, reunindo, mesmo que em pensamento, sua experiência fragmentada para conhecer a unidade em seu grau mais elevado. Esse esforço em direção à unidade é um terreno comum para as questões de Deus e da alma (NOVAES, 1992, p. 31).

No entanto, a dificuldade do homem resulta não apenas de sua condição ambígua, sendo criado do nada pelo absoluto. É importante ressaltar que essa

condição é compartilhada por todo o universo. Para entender melhor a dramaticidade do homem, é preciso reconhecer o privilégio de ser a criatura mais próxima de Deus, ou seja, dotada de livre-arbítrio.

Segundo Agostinho, a humanidade é constituída por um ser supremo: Deus. Concordando com as escrituras que afirmam que o homem foi criado por Deus à Sua imagem e semelhança. Deve-se entender aqui que, quando o filósofo se refere ao homem, está falando da alma como o ser racional e vivente. Agostinho parte de duas premissas fundamentais: primeiro, que a imagem de Deus no homem não pode nem deve residir na parte material do ser humano, ou seja, no corpo, visto que a substância de Deus não é material: “O homem foi criado à imagem de Deus, não segundo a forma corpórea [...]” (AGOSTINHO apud GOULART, 2021, p. 2.2). A segunda premissa é que a *imago Dei*⁴ no homem não pode residir na parte inferior da realidade imaterial do homem, ou seja, na alma, uma vez que ela é suscetível a falhas. Para Agostinho, a imagem de Deus se manifesta no espírito, considerado a parte mais nobre do homem, uma substância imaterial que não é suscetível a erros. “[...] não resta dúvida de que o homem foi criado à imagem de quem o criou, não segundo o corpo e nem segundo alguma parte da alma, mas segundo a mente racional, onde pode residir o conhecimento de Deus” (AGOSTINHO, 1994, p. 377). Agostinho compreende que é por meio do Espírito que o homem chega ao conhecimento das coisas, e é por meio dele que se busca estabelecer a semelhança divina, pois para o filósofo, o Espírito é a porta da sabedoria.

Em seu livro intitulado “Vida Feliz”, o filósofo tenta oferecer uma explicação precisa sobre o homem. Agostinho, ao compreender o homem, baseia-se nas ideias socráticas, ao questionar: “Não será evidente para cada um de nós que somos compostos de alma, espírito e corpo?” (AGOSTINHO, 1998, p. 124). Isso leva o pensador a questionar a composição humana e a conhecer o homem em sua totalidade, mesmo que pareça contraditório às vezes. O filósofo de Hipona afirma que, para compreender o homem, é

⁴ Nesta questão do espírito como algo mais nobre do homem, nota-se que se trata de um problema de caráter teológico-filosófico, isto é, teológico devido ao dogma da criação; e filosófico, devido à teoria das ideias de Platão. Entretanto, é mister apresentá-la com maior clareza, para entender a complexibilidade da concepção de homem em Santo Agostinho. Nesta temática do homem, já foi tratado anteriormente, em nível de esclarecimento, o homem como imagem de Deus, o *imago Dei*. É necessário retornar à mesma questão para apresentar a totalidade da ontologia agostiniana. É importante entender que nesta perspectiva o filósofo de Hipona, ele procura entender o homem do seu tempo, e o mesmo ao colocar a abordagem sobre a essência da homem, Agostinho limita o ser do homem como sendo simplesmente Espírito, descarta a possibilidade da totalidade do ser, aqui levanta-se uma crítica para o Filósofo que me propus a estudar. “ao afirmar que a alma é corruptível é lugar da irregularidade, local das paixões.” Neste sentido o homem de Hipona, diviniza o homem, descarta o sentido do homem como sendo fenômeno, e procura obser como sendo metafísico, a partir do Espírito, ou seja ele procura separar o Espírito, Corpo e alma e nisso vê-se que Agostinho falha, ao fazer essa dualidade na sua filosofia, mesmo sendo ele um teólogo renomado (GOULART, 2021).

necessário considerar três elementos cruciais: o corpo, a alma e o espírito. Aqui reside o ponto crucial da antropologia agostiniana. É aqui que ocorre a concepção física e metafísica do ser humano. O homem é entendido como um ser que existe em um tríplice dimensão: o corpo é o aspecto físico, a alma e o espírito são aspectos metafísicos, como mencionado nas Confissões:

São as três partes que compõem o homem: espírito, alma e corpo, que às vezes são mencionadas como duas, porque a alma muitas vezes é chamada de espírito; pois aquela parte racional de nós que os animais não possuem é chamada de espírito; o principal em nós é o espírito; em segundo lugar, a vida pela qual estamos ligados ao corpo é chamada de alma; finalmente, o próprio corpo é o último de nós, porque é visível. (AGOSTINHO, 1998, p. 411)

No que diz respeito à matéria (corpo), o sábio norte-africano parte do princípio de que a substância foi criada por Deus. Agostinho entende que Deus, ao criar o homem, o criou como um todo, ou seja, criou para a eternidade, para ser imortal; devido ao livre-arbítrio, que é a capacidade de escolha, o homem escolheu sua própria morte através do pecado original que introduziu a mortalidade à substância física. O filósofo, ao abordar o conceito de corpo de forma apologética, não quer dizer que o corpo está a serviço da alma, pois, se fosse o caso, o corpo teria mais destaque. Além disso, o pensamento agostiniano afirma que o homem só é homem quando sua substância física está em conjunto com a espiritual. Essa substância existe no tempo e no espaço.

Para entender a concepção do Espírito, Agostinho o define como um elemento metafísico que faz parte da substancialidade imaterial do ser humano, assim como a alma. “Entretanto, deve-se observar que no sistema filosófico agostiniano, o conceito de spiritus é complexo. Embora os termos *‘spiritus e animus’* pareçam idênticos, Agostinho os coloca como sendo de uma mesma substância, mas como seres distintos” (GOULART, 2021).

4 A QUESTÃO DO TEMPO EM AGOSTINHO

O tempo sempre foi um problema filosófico de grande interesse para filósofos e cientistas. Partindo de um questionamento iniciado na obra “Confissões”, no Livro XI, o filósofo de Hipona aborda a essência do tempo, indagando: “O que é realmente o tempo?” (AGOSTINHO, 2007). Agostinho iniciou seu estudo sobre a questão do tempo ao questionar se a criação ocorreu na eternidade ou no tempo. Ele conclui que antes da criação não havia tempo, apenas Deus, eterno e estável.

Para uma compreensão mais completa da problemática do tempo discutida por Agostinho, é importante considerar duas concepções: o tempo como momento da

criação e o tempo como realidade. Na primeira, percebe-se que Agostinho enxerga Deus como o criador de todas as coisas, existente desde toda eternidade. Para ele, o tempo como criação se refere à vontade de Deus, onde o criador se expressa por meio da criação, tornando o tempo como criação da própria eternidade. A segunda concepção abrange a relação do homem com o tempo a partir da criação e sua conexão com o mundo circundante (BONACCINI, 2004).

Agostinho, influenciado pelo pensamento platônico, concebia o tempo como ideológico, ou seja, algo que só pode ser compreendido através das ideias (memória). Ele argumentava que o tempo existe na memória humana, onde o sujeito relembra os eventos passados e antecipa os futuros. Posteriormente, Agostinho abraçou a visão aristotélica, considerando que o tempo não está apenas nas ideias ou no intelecto, mas é perceptível nas coisas. O tempo é observado no envelhecimento humano, no desgaste de objetos como roupas, árvores, livros, entre outros. O tempo, segundo essa concepção, está presente nas coisas tangíveis (fatuais).

Agostinho inspirou-se explicitamente em Platão e nos estóicos, e também em Aristóteles, embora seu pensamento seja original em dois aspectos: a compreensão da consciência e interioridade, influenciando a subjetividade moderna, e a concepção dialética de história, que representa a primeira formulação de uma filosofia da história na tradição filosófica. (MARCONDES, 2019, p. 14)

Para Agostinho, Deus, como criador de todas as coisas e do universo, afirma que não havia tempo antes da criação. No entanto, Deus não precede o tempo; ele é anterior ao tempo, ou seja, é a eternidade. “Sendo assim, Deus, a origem de tudo, também é o criador de todos os tempos, uma vez que o tempo nasceu com a criação” (AYUB, 2011).

Durante uma de suas catequeses, Agostinho se viu diante de uma pergunta intrigante de um discípulo: “O que Deus fazia antes de criar o céu e a terra?” Agostinho, inicialmente sem palavras para responder, empreendeu um extenso e profundo estudo sobre a questão da criação e do tempo para dar uma resposta adequada. Essa pergunta carece de sentido, segundo Agostinho, porque o “antes” pressupõe a existência de um tempo anterior à criação do mundo. Deus não apenas criou todas as coisas temporais e mutáveis, mas também o próprio tempo. Em suas Confissões, Agostinho escreveu: “Tu criaste o próprio tempo. O tempo não poderia correr antes de ser criado por Ti” (AGOSTINHO, 1990, p. 277). Antes da criação do céu e da terra, não havia tempo, e, portanto, não faz sentido falar de algo “antes” da criação do tempo.

Goulart (2021) argumenta que o tempo é o presente que passa e nunca é totalmente presente. O passado é impulsionado pelo futuro. Nesse sentido, o passado e o futuro são criados e determinados pelo Ser presente, ou seja, Deus. A vontade de

Deus não é criada, pois existe antes de toda a criação. Agostinho acreditava que nada teria sido criado se a vontade do Criador não existisse anteriormente, e essa vontade pertence à substância do Ser. Como antes da criação não havia nada no céu nem na terra, o tempo não podia existir. A eternidade do Criador sempre esteve presente, enquanto o dia dos seres humanos é uma “criação” finita. Para o filósofo o tempo é um reflexo da eternidade.

De acordo com Agostinho, a partir de nossa experiência, sabemos que as três divisões do tempo - passado, presente e futuro - são distintas entre si. O passado já não é mais palpável, o presente é o “agora” em que ocorrem nossas experiências e o futuro é a realização dos eventos à medida que o tempo passa. No entanto, a possibilidade de medir o tempo é questionada pelo filósofo. Ele observa que é possível medir os intervalos de tempo, compará-los e avaliar sua duração relativa, mas não é possível medir o tempo que já passou ou o futuro que ainda não ocorreu. Quando o tempo está passando, pode ser percebido e medido, mas depois que passou, não pode mais ser percebido ou medido, pois não existe mais (AGOSTINHO apud MANNES, 2021, p. 34).

Na perspectiva de Agostinho, o tempo inclui passado, presente e futuro. O passado não é mais, o futuro ainda não é, e o presente, caso não sofresse alterações, deixaria de ser tempo para se tornar eternidade. Agostinho argumenta que o tempo não existe independentemente do espírito humano; existe na alma humana. O passado, que não existe mais, pode ser acessado pela memória. Essa capacidade permite que eventos passados voltem à nossa consciência.

4.1 AS TRÊS DIVISÕES DO TEMPO

Efetivamente costumamos dizer que o tempo pode ser longo ou breve, levando em consideração o passado e o futuro. Por exemplo, quando afirmamos que cem anos se passaram ou cem anos estão por vir, consideramos isso como um período longo. Por outro lado, dez dias passados ou dez dias futuros são vistos como breves. No entanto, podemos refutar essa noção: como podemos rotular algo como longo ou breve quando eventualmente não existe mais? O passado não está mais presente, e o futuro ainda está por vir. Portanto, seria mais apropriado dizer que em relação ao passado ele “foi longo” e em relação ao futuro ele “será longo” (AMARANTE, 1997).

Conforme mencionado por Bonaccini (2004), o presente só existe enquanto está passando. No entanto, Agostinho é levado a admitir que, de alguma forma, o passado e o futuro também existem. Como isso é possível? Medimos o tempo comparando a duração de um período com outros. Por exemplo, afirmamos que a Guerra dos Trinta Anos durou

trinta anos, o que é menor do que a Guerra dos Cem Anos. No entanto, como medir o passado, que já não existe? A verdade é que medimos o que do passado permanece em nossa memória. O passado, como um momento passado, já se foi, mas ainda podemos medir o que resta dele nas imagens que ele deixou em nossa lembrança. O mesmo se aplica ao futuro: não podemos medi-lo em si mesmo, pois ainda não ocorreu, mas podemos considerá-lo em nossa consciência e calcular nossas expectativas. Portanto, o que medimos não é o próprio passado ou futuro em si, já que eles não existem mais, mas sim a memória e a esperança deles em nossa consciência (BONACCINI, 2004)

Agostinho não se contenta com essas conclusões, embora muitos tenham aplaudido e considerado um excelente resumo da teoria agostiniana do tempo. O filósofo sugere, além disso, que o tempo, como um fluxo contínuo, é medido em analogia com o espaço. Ele argumenta que um intervalo de tempo é o dobro, o triplo ou a metade de outro intervalo de tempo. No entanto, medimos sempre o espaço de tempo.

Portanto, não podemos afirmar que o tempo passado foi longo, uma vez que não é possível encontrar algo que tenha sido longo, já que deixou de existir quando passou. Em vez disso, podemos dizer que o tempo presente “foi longo”, porque enquanto estava presente, foi considerado longo. Porém, quando esse tempo passa e deixa de existir, não podemos mais afirmar que ele é longo.

De acordo com Oliveira (2009, p. 5), com base em nossa percepção, é possível dividir o tempo em três partes distintas, como mencionado anteriormente. Neste momento, é relevante abordar a questão do tempo e memória.

4.2 TEMPO E MEMÓRIA

A visão de Santos (2002) sustenta que a memória é, em certo sentido, a capacidade que permite ao espírito humano estabelecer uma relação com o intelecto divino e participar nas razões eternas. Conseqüentemente, ela é a dimensão primordial do espírito. Na antropologia agostiniana, a memória é entendida como uma “força” (Vis) da alma intelectual. Com tal colocação, percebe-se que é na memória que se encontram armazenados os conhecimentos adquiridos, como nas artes liberais. Tais conhecimentos são guardados internamente, em um lugar que não pode ser confundido com um espaço físico, mas sim um espaço mais íntimo. Essa distinção nos remete à inspiração plotiniana de Agostinho: “A ciência dos seres imateriais é totalmente isenta de matéria” (SANTOS, 2002, p. 369).

Agostinho coloca em evidência o tempo sob uma perspectiva psicológica. Ao questionar como ocorre o aprendizado do tempo, o filósofo não se concentra no aspecto ontológico do tempo, mas afirma que o tempo é uma “*disttention*” da alma. Ele afirma:

“Daí concluo que o tempo nada mais é do que extensão. Mas extensão de quê? Seria surpreendente, se não fosse a extensão da própria alma” (AGOSTINHO apud GOULART, 2021, p. 2.9). Dessa forma, Agostinho não aborda o aspecto ontológico do tempo, mas prioriza a adaptação da alma à sucessão. Sua preocupação principal não é conceituar a essência do tempo, mas sim compreender como medir o tempo e conhecer a sua duração.

Conforme Cardoso (2010, p. 88), “O tempo está intrinsecamente ligado à memória, à espera. Ele encontra sua realidade na alma, na distensão da vida interior do homem. Além disso, pertence à alma, sendo essa distensão da alma uma continuidade entre memória, intenção e espera”.

Ao considerarmos o argumento de que não há três tempos, entendemos que não existem tempos futuros nem passados. De acordo com o filósofo de Hipona, é incorreto afirmar que existem três tempos: passado, presente e futuro. No entanto, é legítimo afirmar que os três tempos são: o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras. Esses três tempos estão entrelaçados na mente do ser humano, tornando impossível distinguir em outra parte a lembrança das coisas passadas, a visão presente das coisas atuais e a antecipação das coisas futuras. O homem prevê o futuro, tornando-o presente. No entanto, uma ação premeditada não pode ser considerada presente, pois ela pertence ao futuro, está prestes a acontecer. Agostinho oferece um exemplo elucidativo: “Vejo a aurora, e prognostico o nascimento do sol. O que vejo é presente, o que anuncio é futuro. Não o sol, que já existe, mas seu surgimento, que ainda não ocorreu.” (AGOSTINHO, 2007, p. 123).

Assim, podemos afirmar que o tempo é uma criação da alma, tornando-se presente por meio da memória (no caso do passado), por meio da atenção (no caso do presente) e por meio da antecipação (no caso do futuro).

Oliveira (2009) argumenta que Agostinho, em todos os momentos em que aborda o tempo, remete inicialmente à memória. A memória atua como um recurso que internaliza a temporalidade, preservando os rastros do que já não existe, mas permanece presente. Ainda que o passado tenha desaparecido, seu rastro continua atual na memória. O rastro é algo que existe na ausência do outro, sendo uma “presença de uma ausência”, como descreve Derrida (2001). Não há presença total nem ausência absoluta. A imagem, como vestígio, permanece gravada mesmo após algo ter ocorrido. Por isso, Agostinho recorre à memória para abordar a questão do tempo.

No entanto, Castellanos (2021) sustenta que “o tempo é um enigmático problema, difícil de ser explicado pela razão humana”. Ele argumenta que a natureza do tempo está além da compreensão humana, indicando que o homem não consegue compreendê-lo apenas por meio de fatores empíricos. Portanto, ele afirma que o tempo é um mistério inacessível ao entendimento humano.

5 A RELAÇÃO ENTRE O TEMPO E A ETERNIDADE NA OBRA DE AGOSTINHO

A eternidade é a verdade para a fé. Agostinho, todavia, afirma que a eternidade é uma questão de fé, mas busca cogitar sobre ela através da razão. O pensador utiliza tanto a luz da fé quanto a razão para desenvolver o conceito de eternidade. A razão é convocada para esclarecer os dados da fé, especificamente a eternidade como um tempo que não passa. A teologia oferece o conceito de eternidade, porém é necessário fundamentá-lo através da razão.

No tocante à eternidade, não é possível defini-la com precisão, o que implica que não podemos determinar exatamente sua essência. Portanto, é viável afirmar e, simultaneamente, conceituá-la através da razão, de maneira análoga ao tempo humano. Por conseguinte, o filósofo medieval considera de extrema importância demonstrar primeiramente a existência de Deus, que para ele é o ápice fundamental da eternidade.

De acordo com Hamelin (2003), “a eternidade é tudo o que possui vida, mas simultaneamente se esconde da realidade humana”. Quando falamos de eternidade, estamos nos referindo diretamente a Deus, que é imutável. Linguagem alguma seria capaz de descrevê-lo com precisão, já que ele é como é. Ao tentarmos compreender a eternidade pela razão, ela escapa à nossa compreensão, pois transcende nosso conhecimento. Cada vez que alguém tenta falar sobre ela, ela já não é a mesma. Essa visão coincide com a de Boécio, que afirma que o termo eternidade deve ser estritamente usado para se referir a Deus, o único que possui sua vida de forma completa e existe em um presente ilimitado. Portanto, a eternidade deve ser compreendida como a causa primeira, o motor imóvel, como afirma Pascal, “o motor imóvel que move tudo sem ser movido”, sendo a força motriz que confere vida a tudo e tudo sustenta.

Agostinho (2007, p. 121) declara: “Precedes porém a todo o passado na altura de tua eternidade sempre presente; dominas todo o futuro porque está por vir e que, quando chegar, já será passado”. Ao abordar a eternidade, Agostinho não se refere a um tempo no sentido convencional (passado, presente, futuro), mas sim a um tempo cuja duração é permanentemente imutável, o Tempo que origina todos os tempos. A eternidade é o Tempo que não sofre nenhuma alteração, permanece constantemente presente no Ser. “A eternidade é responsável por abraçar e unir todo o passado, todo o presente e todo o futuro, transformando-os no eterno. Assim, a eternidade é um presente perene, um contínuo renovar-se; sempre que ocorre a passagem do futuro para o presente e do presente para o passado, a eternidade (Deus) está exercendo sua função” (GOULART, 2021). Anos, meses e dias para Deus, ao qual o filósofo faz referência, são inalteráveis e eternos, pois Deus é eterno. Ao contrário de muitos pensadores e filósofos, Agostinho

não considera a eternidade como solidão, ausência de movimento ou dinamicidade. Ele explora o termo eternidade para expressar uma completude absoluta. Portanto, não se pode comparar o tempo de Deus com o dos seres humanos, pois o último está sempre em constante mudança, é frágil e tende a não alcançar a plenitude do tempo. Já o tempo de Deus é estável e imutável *a eternidade de Deus*⁵, não é sujeito a oscilações como o tempo humano. Enquanto para Agostinho (2007, p. 20) “a criação do homem é temporal e transitória, uma vez que ocorre dentro do horizonte da temporalidade”.

Segundo Castellanos (2021), é conveniente afirmar que existem três tempos, como já mencionado anteriormente. Ele caracteriza os tempos da seguinte forma: presente dos fatos passados, presente dos fatos presentes e presente dos fatos futuros. Esses tempos estão impregnados na memória humana, que é pequena e limitada. O homem, ao abordar a questão do tempo, o compreende de maneira confusa em sua limitação reducionista, considerando-o como algo subjetivo e terreno, ligado à memória, intuição e expectativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho revela que Agostinho adentrou profundamente em si mesmo, ou seja, em seu próprio eu, o que gerou reflexões em busca da verdade. No entanto, como o filósofo também era um homem de fé, seus conceitos filosóficos frequentemente se mesclavam com teorias teológicas.

A visão de Agostinho sobre o homem e o tempo é uma das contribuições mais significativas e influentes para a filosofia e a teologia. Sua exploração profunda e complexa desse tema essencial revela uma abordagem rica que interconecta fé, razão, memória e eternidade. Agostinho, por meio de sua reflexão filosófica e teológica, nos apresenta uma compreensão profunda e abrangente da relação entre o homem e o tempo, explorando tanto as dimensões psicológicas quanto as metafísicas dessa relação complexa.

5 *Distinção entre tempo e eternidade*: Para Agostinho, o tempo e a eternidade são duas coisas distintas, são duas magnitudes incontáveis, incalculáveis. O tempo começa com a criação. A existência do tempo foi estabelecida por Deus, que é seu único autor e quem tem poder sobre o mesmo. O tempo é a dimensão na qual vivemos e experimentamos a sucessão de eventos, enquanto a eternidade é a dimensão divina, na qual Deus existe de forma atemporal e imutável. *A eternidade de Deus*: Agostinho afirmava que Deus existe na eternidade, além do tempo. Para Deus, não há passado, presente e futuro, pois Ele é atemporal e vê todas as coisas simultaneamente. Ele é a fonte da eternidade e a medida do tempo. A natureza mutável do tempo: Agostinho argumentava que o tempo é mutável e relativo à nossa percepção. Ele é uma sucessão de eventos que estão em constante mudança, e nossa experiência do tempo está ligada ao nosso estado finito. A busca da eternidade pelo ser humano: Agostinho também explorou a busca do ser humano pela eternidade. Ele via a busca da alma humana por Deus como uma busca pela eternidade, e acreditava que a verdadeira felicidade e realização só poderiam ser encontradas na união com Deus, que é eterno (REALE; ANTISERI, 1990).

O filósofo, ao buscar incessantemente a verdade, manteve essa constância ao longo de sua jornada existencial. Foi nos momentos de grande tensão e questionamento, no âmago de sua alma, que ele deu início à sua filosofia ontológica e ao conceito de tempo mutável, que pode ser entendido como presente, passado e futuro, e à totalidade do tempo: a eternidade.

Assim, o filósofo se questionava profundamente sobre como compreender a relação entre o homem e o tempo. Todavia, ele compreendeu que o homem é um ser composto de realidade física e metafísica, ou seja, corpo, alma e espírito. O Doutor de Hipona, entende que o espírito é a parte mais nobre do homem, pois é a imagem de Deus. Dentro desse contexto de pensamento sobre a essência do homem, ele prova a existência do homem através da teoria do conhecimento. Para ele, o homem existe porque tem a capacidade de refutar e questionar. O filósofo Teólogo aponta que antes da criação, ou seja, antes de Deus criar o céu e a terra, não havia tempo algum; só existia a eternidade. Assim, Agostinho, partindo da eternidade, interpreta a temporalidade.

Uma das principais questões que Agostinho enfrenta é a natureza do tempo. Ele se distancia das concepções convencionais de tempo como uma mera sucessão de momentos e o explora como uma dimensão fundamental da experiência humana. Agostinho considera o tempo como uma extensão da alma, uma *"disttentio"* da alma, inseparável da experiência humana e intimamente ligada à nossa percepção, memória e expectativa. Ele afirma: "Que é pois o tempo? Quem poderia explicá-lo de maneira breve e fácil? Quem pode concebê-lo, mesmo no pensamento, com bastante clareza para exprimir a ideia com palavras?" (AGOSTINHO, 2007, p. 121).

A relação entre o homem e o tempo é também explorada por Agostinho no contexto de sua compreensão da eternidade. Ele considera a eternidade como algo que transcende o tempo humano, uma realidade que não é limitada pela sucessão de momentos. Agostinho compreende a eternidade como um presente imutável e completo, no qual todos os tempos passados, presentes e futuros estão contidos. Ele afirma: "A eternidade é a vida inteira, pois é toda de uma vez, e ela nunca muda nem se move. Não é futuro, porque já é; nem é passado, porque ainda é; nem é presente, porque não é mais uma expectativa, mas um presente" (AGOSTINHO, 2007, p. 20). Essa visão de eternidade como um presente atemporal e imutável é fundamental para a compreensão agostiniana do tempo e da relação do homem com o tempo. Agostinho reconhece que nossa experiência do tempo é limitada e subjetiva, mas ele também nos convida a considerar a dimensão eterna que transcende essa experiência. Ele nos lembra que a eternidade não é apenas uma questão de fé, mas também pode ser abordada pela razão, levando-nos a um entendimento mais profundo da relação entre o homem e o tempo.

A memória desempenha um papel crucial na compreensão agostiniana do tempo. Agostinho acredita que a memória é uma ponte entre o passado e o presente, permitindo-nos reter e reviver momentos passados em nossa consciência. A memória também está ligada à eternidade, pois é através dela que podemos acessar e participar das razões eternas. Agostinho afirma: “A memória é o que nos permite encontrar-nos em relação ao intelecto divino e participar das razões eternas” (GOULART, 2021).

A argumentação agostiniana sobre o homem e o tempo revela a grande responsabilidade que o ser humano tem em suas mãos. Isso ocorre porque a ele pertence a opção de amadurecer, visto que o tempo existe para lapidar a pessoa humana. No entanto, é imprescindível, conforme o Filósofo, que o homem se abra para o próprio ser e para o Ser Supremo, pois chegará um período em que o tempo mutável exalará seu último suspiro e não se falará mais dele; então, discutir-se-á sobre a ininterrupta prolixidade da eternidade.

Portanto, é dentro do tempo que o homem precisa revelar todo o seu ser, a fim de que sua transição do tempo mutável para a eternidade não signifique o seu fim. Conforme Agostinho, para alguns, a eternidade será o início sem fim, enquanto para outros, será o fim sem fim e sem recomeço.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. Brasília: Monergismo, 2007.
- AGOSTINHO DE HIPONA. **A Trindade**, Tradução: Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.
- AGOSTINHO DE HIPONA. **A vida feliz**. Trad. Nair de Assis Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO DE HIPONA. **Solilóquios e a vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1990.
- AMARANTE, P. **Loucos pela palavra**: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
- AMARAL, R.; SOUZA, C. C.; PEREIRA, C. S. O tempo e a eternidade em Santo Agostinho. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**, ano 1, n. 2, out. 2012.
- AQUINO, T. **Suma teológica**. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1.
- AYUB, C. N. A. **Iluminação trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2011.
- BÍBLIA, A. T. Gênesis. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Reed. Trad. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Das Américas, 2012.
- BONACCINI, J. A. Tempo e eternidade. Excurso sobre a Concepção Agostiniana de Tempo, **Crítica**, Londrina, v. 9, n. 29-30, p. 223-236, 2004.
- CARDOSO, G. F. Tempo e eternidade em Santo Agostinho. **5º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp**, v. 3, n. 1, p. 81-91, 2010.
- CASTELLANOS, E. S. **O tempo em Santo Agostinho**. 2021. 39 f. Monografia (Graduação em Filosofia) — Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.
- COSTA, M. R. N. A teoria da Criação, segundo Santo Agostinho. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, Brasil, v. 7, n. 1, p. 7-26, 2007.
- DERRIDA, J. **Posições**. Belo Horizonte: Autentica, 2001.
- GOULART, J. L. O homem e o tempo em Santo Agostinho. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 6, ed. 12, v. 11, p. 05-30, dez. 2021.
- HAMELIN, G. Eternidade de Deus e eternidade do mundo em Boécio. **Analytica — Revista de Filosofia**, v. 7, n. 1, p. 65-81, 2003.
- MANNES, J. **História da filosofia medieval**. Apostila para uso dos estudantes de filosofia. Curitiba, 2021.
- MARCONDES, D. Tempo e história: a dialética do tempo segundo Santo Agostinho. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 11-19, 2019.
- NOVAES, M. O exame da temporalidade humana em Agostinho (da atividade à passividade). **Cadernos de Trabalho Cepame**, v. 1, n. 1-2, p. 29-42, 1992.
- OLIVEIRA, R. F. **Santo Agostinho e sua reflexão sobre o tempo**. São Paulo: Paulus, 2009.
- REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.
- SANTOS, B. S. Metafísica da memória no livro X Das confissões de Agostinho. **Veritas**, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 365-375, 2002.
- VAZ, A. T. **A visão de Santo Agostinho sobre o tempo**. 2009. 38 f. Monografia (Graduação em Filosofia) — Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.